



Anais do Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais

27º Congresso · 2024 · ISBN 978-65-89012-04-7

Cristo como símbolo do si-mesmo reichiano

A integração entre Jung e Reich sobre a figura do Cristo

Christ as a symbol of the Reichian self

José Felipe Rodriguez de Sá (1); Sandra Mara Volpi (2)

(1) Centro Reichiano · Salvador-BA · Brasil

(2) Centro Reichiano · Curitiba-PR · Brasil

Resumo

Jesus de Nazaré: rei dos reis, filho do Todo-Poderoso, o Cristo, farol e centro da espiritualidade ocidental. Dois autores, na história da psiquiatria - C. G. Jung e W. Reich - trataram do significado psicológico da figura do Cristo. Como podemos integrar a visão de ambos sobre o tema em questão? Primeiro, partindo de uma descrição do modelo de psique junguiano: ego/consciência, inconsciente pessoal/coletivo e os arquétipos. Quanto ao modelo reichiano, diferencia-se o caráter genital do caráter neurótico, ou seja: saúde e doença. Define-se Cristo, no entendimento da Psicologia Analítica, como símbolo do Arquétipo do Si-mesmo. Já o Cristo "reichiano" seria a representação máxima do caráter genital. Por fim, é traçado o percurso do caráter genital como "herói" tipológico até Cristo, símbolo do Si-mesmo reichiano. Esse entrecruzamento teórico aponta para um fenômeno radicalmente novo, moderno: o numen erótico, isto é, a sexualidade sagrada.

Palavras-chave: Caráter genital; Carl Gustav Jung; Jesus Cristo; Si-mesmo; Wilhelm Reich.

Abstract

Jesus of Nazareth: king of kings, son of the Almighty, the Christ, beacon and center of Western spirituality. Two authors in the history of psychiatry - C. G. Jung and W. Reich - addressed the psychological meaning of the figure of Christ. How can we integrate both perspectives on this subject? First, by describing the Jungian model of the psyche: ego/consciousness, personal and collective unconscious, and archetypes. Regarding the Reichian model, a distinction is made between genital character and neurotic character, that is: health and illness. Christ, in Analytical Psychology, is defined as a symbol of the Self archetype. The "Reichian" Christ would represent the highest expression of the genital character. Finally, the trajectory of the genital character as a typological "hero" toward Christ, symbol of the Reichian Self, is outlined. This theoretical intersection points to a radically new and modern phenomenon: the erotic numen, that is, sacred sexuality.

Keywords: Genital character; Carl Gustav Jung; Jesus Christ; Self; Wilhelm Reich.

“Nenhuma ideia preconcebida determinou o desenvolvimento do trabalho científico de Reich”, escreveu Boadella (1985, p. 15).

Frase de impacto, abre a biografia de Wilhelm Reich: brilhante psicanalista, idealizador do freudo-marxismo, o de fato criador da psicoterapia corporal e cientista natural.

No entanto, essa noção do bravo cientista desbravador, capaz de enxergar a realidade tal como ela é, deve ser abandonada. Noção ao mesmo tempo romântica e platônica, ela soa, atualmente, ingênua (e quiçá, até perigosa). Desde a ideia de “paradigma”, lançada por Khun (2013), sabe-se como toda e qualquer teoria pertence a um zeitgeist, um “espírito de época”.

Feyeraband (2011) argumentou que o próprio método científico é, em si, inerentemente falho. Não existem “fatos nus”. Os fatos são conhecidos sempre através de um certo viés, o que dá margem a todo tipo de erros e interpretações, muitas delas em franca contradição.

No caso das ditas “teorias da personalidade” da Psicologia, esse fator subjetivo é ainda maior. Os estudos de Atwood e Tomkins (1976) e Atwood e Stolorow (1977) revelaram o quanto a biografia dos autores (Carl Rogers, p. ex.) ditaram os contornos de suas respectivas teorias da personalidade.

No caso de Reich, a sua tragédia familiar, com toda a sua culpa, raiva, dor e desespero, culminou numa vocação quase messiânica de salvar esse mundo encouraçado, de lutar contra a repressão do sexo, do amor, da vida e da energia universal que dá forma e nutre o cosmos.

Após as devidas reflexões, quais “ideias preconcebidas” – para retomar a expressão de Boadella (1985) – teriam norteadado o trabalho de Reich? Soube-se, pelo depoimento dado à Higgins e Raphael (1979), o quanto Sigmund Freud foi vital para a sua formação profissional e intelectual. De início, o conceito da repressão, tão central para a Psicanálise, continuou central na obra de Reich. Reich afirma como ele manteve, sozinho, a teoria da libido viva, provando a sua existência concreta. Conta como as pulsões de vida e morte freudianas – Eros e Tânatos – ressurgiram na sua obra tardia via o OR (Orgone) e o DOR (Deadly Orgone).

No decorrer de sua obra, Reich (2003) cita outros: Fiódor Dostoiévski, escritor, o maior expoente do dito “romance psicológico”; Friedrich Engels, empresário, coautor do Manifesto Comunista e parceiro de Karl Marx na criação do método do materialismo histórico e dialético; Charles Darwin, naturalista, pai da teoria da evolução das espécies e da seleção natural; Friedrich Nietzsche e Henri Bergson, filósofos – o primeiro,

importante crítico da moral cristã e precursor do niilismo moderno; o segundo, defensor do eã vital, impulso criador responsável pela evolução das formas mais primitivas de vida até o homem autoconsciente; Bronislaw Malinowski, antropólogo, primeiro a mostrar, via pesquisas etnográficas nas Ilhas Trobriand, que o complexo de Édipo, tão caro aos freudianos, pode não ser universal.¹

Pontuar a influência desses grandes filósofos, escritores e homens da ciência, bastiões da modernidade, no pensamento Reichiano não é o suficiente. Retrospecto. Não é o suficiente para explicar a origem de certas ideias. Como teria dito Pierrakos (1989, p. 14): “[...] as mesmas ideias expressas por Reich têm aparecido e reaparecido ao longo da história da humanidade, com muitas formas e nomes diferentes.” Outro conhecido dissidente da Psicanálise, o psiquiatra suíço C. G. Jung, tinha muito interesse nessas ideias “eternas”, transculturais. Jung (2015) chamou-as de “imagens primordiais”, ou arquétipos.

Estaria Wilhelm Reich ciente das imagens arquetípicas que apareciam na orgonomia, sua obra tardia? Estaria ele, na expressão de Jung (2011a, p. 16), em plena Era Atômica, a resgatar o “tesouro de imagens eternas” do seu inconsciente? Estava ciente de que, nas longas noites de laboratório, entre microscópios, béqueres e caixas de orgone, construía também um rico imaginário pós-religioso? Saturado, como foi, do jargão das ciências naturais e suas metáforas hi-tech? Justo Reich (1999, p. 2), que tinha dito que todas “as religiões se revelaram, sem exceção, instrumentos de opressão e miséria”?

Coincidência ou não - sincronicidade?² - tanto Jung (2011a) quanto Reich (1999) escreveram sobre “o filho do Homem”: Jesus Cristo. Jung, com o seu “Aion”, de 1950, e Reich com o seu “O assassinato de Cristo”, pouco depois. Jung (2011a) comparou símbolos cristãos com símbolos de origem gnóstica, alquimista e astrológica, na intenção de chegar ao fundo de seus significados e traduzi-los para a “consciência moderna”. Reich (1999) contou a triste história da humanidade, a crucificação de Cristo como o seu “fio de Ariadne” dessa tragédia global. Pode também o “Cristo Reichiano” ser interpretado como um símbolo do Si-mesmo específico à Orgonomia?

O objetivo desse trabalho, com base no repertório teórico da Psicologia Analítica de C. G. Jung, é apontar como Jesus Cristo foi um símbolo do Arquétipo do Si-mesmo na Orgonomia de Wilhelm Reich. Nesse momento, faz-se necessário descrever as várias etapas para atingir o objetivo desse trabalho. Começa-se com um breve mapeamento da psique humana de acordo com a teoria Junguiana. Disso segue a distinção Reichiana entre o caráter genital e o caráter neurótico. Na terceira etapa trata-se da figura de Cristo

como símbolo do Si-mesmo, o arquétipo central, e como símbolo do caráter genital. Dessas relações é feito um entrecruzamento teórico, onde é estabelecido que Cristo é um símbolo do Si-mesmo Reichiano. Tal conclusão abre uma nova avenida de investigação: a sexualidade sagrada.

A estrutura da psique de acordo com C. G. JUNG

Segundo Jung (2013; 2015), a psique humana é formada por metades desiguais: a consciência e o inconsciente. A consciência vive no presente, atenta à orientação no tempo-espaço. O centro da consciência é o “eu” (ego). Dotado de autorreflexão e uma porção limitada de livre-arbítrio, o ego é regido por códigos morais e, portanto, voltado à adaptação social. Para além dos limites da consciência há o inconsciente. A porção subjetiva do inconsciente é chamada de inconsciente pessoal. Nele, há uma soma do que foi reprimido (pensamentos, sentimentos, sensações), esquecido e percebido via estímulos subliminares. Numa camada mais profunda do inconsciente está o inconsciente “impessoal”, vulgo inconsciente coletivo. Essa é a base instintiva da psique, regida pelos instintos e pelos conteúdos herdados do inconsciente. A esses fatores hereditários do inconsciente coletivo foi dado o nome de “arquétipos”. Também chamados de “imagens primordiais” ou “mitologemas” (Jung, 2013), os arquétipos são formas universais de pensamento e comportamento. Carregam, em si, sempre, um significado único com múltiplas variações.

Para Jung (2013), os arquétipos transcendem o espaço/tempo e estão por toda parte da vida humana. A sua presença é sentida em sonhos, fantasias, arte, religião, astrologia, contos de fada, mitologia, ideologias políticas e até mesmo nas alucinações e delírios da esquizofrenia. Temas universais como ordem e caos, luz e trevas, o Yin-Yang taoísta e outras dualidades estão contempladas. Símbolos geométricos, como o quadrado e a cruz (quaternidade) ou o círculo e a esfera (rotação) também. Essas “imagens eternas” também se manifestam num formato antropomórfico: os arquétipos do pai, da mãe, dos filhos etc.

O caráter neurótico e o caráter genital

Reich (1998) atesta que a familiaridade com a Psicanálise é vital para entender o seu conceito de caráter. A sua chamada “Análise do Caráter” é uma produção do seu período psicanalítico. Portanto, é mister ir para a fonte. A primeira menção feita por Freud (1996b) ao tema do caráter foi feita no seu curto ensaio “Caráter e erotismo anal”. Sua teoria do caráter é indissociável das fases de desenvolvimento psicosssexual, exploradas por Freud (1996e) num trabalho anterior, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”.

Reich (1998) confirma essa associação, entre tipos de caráter e as fases específicas do desenvolvimento da sexualidade.

Bem em verdade, esses trabalhos inaugurais de Freud (1996b) sobre o caráter não falam da origem do caráter; no máximo especulam se a excitação de zonas erógenas específicas não teria uma influência em outros tipos de caráter, que não o caráter anal. Ocupam-se em descrever os “traços” de caráter anal, ou seja, a sua característica parcimônia, obstinação e senso de ordem. Reich (1998) vai depois confirmar que a fase do desenvolvimento psicosexual onde houve a estagnação da libido determina o caráter que será produzido. Exemplos: a fixação oral gera um caráter depressivo; a fixação anal, o compulsivo; a fálica, o narcisista.

Para o próprio Reich (1998), ainda resta entender os pontos de vista do modelo estrutural de Freud (1996d). A priori, a Psicanálise apresenta um modelo “topográfico” de aparelho psíquico, formado pelo consciente, pré-consciente e inconsciente. O inconsciente, em especial, foi vital na investigação da etiologia sexual das neuroses. A partir de 1923, Freud (1996d) propõe outra divisão da psique: o modelo estrutural. Esse novo sistema psíquico, também tripartite, é composto pelo id, ego e superego. O ego, de relação estreita com a consciência, é voltado para a percepção do mundo externo. O ego terá um papel fundamental na formação do caráter, algo reconfirmado por Reich (1998) na sua própria teoria do caráter. Ainda segundo Freud (1996d), o ego trava uma luta com o seu inimigo perene, o id, a parcela instintiva da psique. O ego resiste aos impulsos oriundos do id, mas nem sempre isso é o bastante para mantê-los fora da consciência. Para tal, é preciso de um processo mais dispendioso: a repressão. O impulso reprimido acaba transformado em sintoma, um sinal da neurose que consome o sujeito. O superego tem a sua origem no núcleo familiar e será, principalmente, um representante interno da figura paterna. Atuará, muitas vezes de forma punitiva, como bússola moral e ética do ego. O superego manterá firme essa autoridade sobre o ego através do reforço de um sentimento de culpa inconsciente.

Reich (1998) vai então estipular que o caráter é o “paraque-do-paraque”. Ou seja: é a camada externa do ego e o seu escudo protetor. E não só: o caráter vai também representar os traços típicos do ego, a exemplo da postura corporal, da forma de andar, gesticular, falar, o tom de voz etc.

Reich (1998) faz uma distinção entre o caráter neurótico e o caráter genital. Do neurótico, consumido por conflitos internos, temos o seu comportamento infantil, irracional, não-autêntico; a forma compulsiva, reativa de ser, amar e trabalhar. Já o caráter genital é

livre para expressar, sem medo, a sua sexualidade e as suas emoções mais profundas. Reich (1998, p. 303) usa adjetivos como “simples”, “naturais”, “simpáticos” e “atraentes” para descrever os “traços” do caráter genital. Isso acontece porque ele tem uma economia de libido regulada. Ou seja: o seu ciclo de carga e descarga de energia sexual (através do orgasmo) acontece de forma saudável. Assim, também consegue sublimar – ou seja, transformar uma pulsão inconsciente num trabalho pró-social, sem maiores dificuldades. Ele não tem necessidade do que Freud (1996d) chamou de superego. Ele é equilibrado – ou melhor, “autorregulado”, no jargão de Reich (1998). Não precisa mais de regras morais, externas à sua natureza.

O Cristo Junguiano

Desde a infância, Jung (2015) foi assombrado pela sua vivência do sobrenatural e do espiritual. O pai era um pastor em crise, e a mãe, a espiritualista que fazia séances em casa. Cedo teve sonhos e visões impressionantes; passaria uma parte considerável da vida adulta para decifrá-los. A escolha pela carreira da Medicina foi, em parte, instigada pela vontade de estudar, cientificamente, esses fenômenos. Jung pesquisou, do rico acervo milenar de tradições religiosas, filosóficas, mitológicas, lendas, contos de fada e clássicos da literatura mundial, para além de sua prática clínica, de forma a alicerçar a sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo. No fim da vida, foi encontrar na alquimia as raízes de sua Psicologia do Inconsciente.

Para Jung (2011a), Cristo é o segundo Adão. Ele reencarna o “homem primordial”, o filho de Deus impoluto pelo pecado, tal como era o homem antes de ser expulso do Paraíso. Com o nascimento de Cristo é anunciado um novo Eon: a era de Peixes. Cristo vem com a “boa nova”: a promessa da restauração da alma humana pela graça divina. No entanto, como muitos que viveram de e propagaram uma fé, Cristo terá o fim trágico dos heróis. Morrerá incompreendido pelo seu próprio povo que visara salvar e libertar.

Jung (2011a, 2014) usa um vasto acervo de textos, mitos e símbolos greco-romanos, gnósticos, astrológicos e alquímicos para decifrar o significado universal por trás da figura de Cristo. E chega ao seu máximo denominador comum: o Si-mesmo, arquétipo da totalidade. O Buda e o Atman hindu são versões orientais desse símbolo. Com a assimilação desse arquétipo, através da figura de Cristo, nascerá um novo homem: o “homem interior” ou espiritual. Esse projeto de “homem pleno”, em paz consigo mesmo, desenvolverá a consciência humana em larga escala. Este é o significado psicológico da máxima cristã de que o “Reino dos Céus” está dentro de nós. É o efeito do Si-mesmo, que age como princípio ordenador interno, superando os contrários psíquicos.

O Cristo Reichiano

Em “O assassinato de Cristo”, Reich (1999) atualiza, à sua forma – para usar a expressão de Jung (2011a, p. 97) – o “drama do mito cristão”. O palco não é mais o mundo dos quatro Evangelhos, com as maquinações do Sinédrio, a traição de Judas, o “lavar as mãos” de Pôncio Pilatos, a crueldade dos centuriões. Os tempos são de Guerra Fria, de paranoia nuclear, de perseguições do FBI, do “povo” transformado em “massa”. E a peste emocional só avançava. O Cristo em nós continuava a morrer, a cada nascimento, vítima de uma sociedade doente.

No verão de 1951, Reich vivia mais um “apocalipse particular”. O Food and Drug Administration (FDA) intensificou o seu inquérito, investigando as acusações de, entre tantas coisas, charlatanismo e impropriedades sexuais. Outro duro golpe pessoal veio do catastrófico experimento Oranur, quando seus seguidores se afastaram dele. Em meio a tantas tribulações, Reich (1999) revisitou a história de Cristo. Na percepção de Sharaf (1983), Reich usou as parábolas e alegorias do Novo Testamento para passar a sua própria mensagem “profética” a respeito da Guerra Fria.

Boadella (1985) resume admiravelmente o conteúdo do livro:

Para Reich, a pessoa de Jesus se tornou um símbolo conveniente de uma pessoa sem couraça, com funcionamento livre, afetuosa e quente, que estava em contato com seus próprios sentimentos e com o cosmos, era um curador sensível, com uma mensagem de fraternidade humana, e que foi morto cruelmente por um grupo de poder, insensível e rígido, apoiado pela “opinião pública” de uma maneira que exemplificava o comportamento da praga emocional organizada (BOADELLA, 1985, p. 226-227).

Para Reich (1999, p. 45), não há dúvidas que Jesus de Nazaré “possui todas as marcas do caráter genital”. E, sendo o caráter genital um “tipo ideal”, é possível que Reich (1998; 1999) tenha criado, na sua psicobiografia de Cristo, um ideal de ego. Para ser mais específico: Reich projetou no “filho do Homem” uma versão melhor de si mesmo. Relatos de família, ex-pacientes e colaboradores sobre a personalidade de Reich corroboram tal percepção:

- Reich (1999) se considerava um homem perseguido, tal como Giordano Bruno, Galileu Galilei e, claro, Cristo. Seus biógrafos – Sharaf (1983), Boadella (1985), Turner (2012) – confirmam como Reich foi perseguido quase a vida inteira.
- Reich (1999) dizia que Jesus amava crianças. A sua terceira esposa, Ilse Ollendorff Reich, confirmou que essa era uma característica de seu marido. Segundo Ilse Reich (1970, p. 100, tradução nossa), ele “entregava-se de forma completamente natural e com

grande paciência [...] com as crianças”.

· Na sua autobiografia, Lowen (2007, p. 52), criador da Bioenergética, comentou sobre o “poder” da “personalidade” de Reich, o que era um fator de cura considerável para sua terapia; disse que sua “coragem e energia deram-me confiança” para vencer as suas limitações. Elsworth F. Baker, autor de “O labirinto humano”, lembra a sua primeira visita ao consultório de W. Reich com a família. Foi “um ponto de virada na minha vida”, segundo o próprio Baker (2011, p. 7, tradução nossa). A sua primeira impressão de Reich foi a de um homem “grande e poderoso” de “olhos penetrantes e gentis” (Ibid.) que passava muita confiança (Ibid.). Coincidentemente, Reich (1999) escreveu que quem era “tocado” por Cristo passava “a irradiar a sua própria energia vital”.

· Reich (1999) também disse que Cristo naturalmente atraía pessoas ao redor dele, devido à qualidade de sua energia e ensinamentos, mas acabou traído pelo seu círculo íntimo. Sharaf (1983), Boadella (1985), Turner (2012) atestam que Reich sempre esteve envolvido com colaboradores e seguidores que admiravam as suas ideias e capacidade clínica, mas acabaram por se afastar dele. A sua trajetória na Sociedade de Viena, o envolvimento com o Partido Comunista alemão, o grupo norueguês, os colaboradores norte-americanos e as consequências catastróficas do experimento Oranur atestam esse padrão.

Cristo como símbolo reichiano do si-mesmo

Os “Cristos” de Jung (2011a) e Reich (1999) se alinham em pontos importantes. Tanto Jung (2015) quanto Reich (1998) concordam que a neurose cresce de uma contradição interna. Concordam também nas causas: a luta entre natureza e cultura, apetites infantis e adaptação social, falsidade e autenticidade. E se o caminho para saúde física e psíquica é estar em harmonia consigo, tanto o caráter genital e o Si-mesmo são símbolos dessa superação dos opostos.

Como havia dito Jung (2011a), o Si-mesmo é o arquétipo da inteireza humana. Ou, como afirmou Reich (1999, p. 25, grifo do autor): “Ser semelhante a Deus é conhecer todas as expressões da vida.” Sendo assim, a perfeição moral de Cristo, justificada pela doutrina do summum bonum (“sumo bem”), gera uma cisão dentro do próprio Si-mesmo cristão. Essa tensão interna gerará outro símbolo, a contraparte necessária desse maniqueísmo dualista: o Anticristo.

Apesar de Reich (1999, p. xii) ter a sua própria versão de summum bonum - “Cristo é a realização da Lei Natural” - não há um símbolo de mal central e absoluto na “teologia” Reichiana. Não há um ente sobrenatural como o “anticristo”, até porque Reich (1999) acreditava que o “pecado” e o “mal” são criações humanas. Portanto, ele dilui e coletiviza

a sua noção de “mal” no seu rol particular de escória. Temos a mediocridade do zé-ninguém; a inveja traiçoeira do mocenigo; os mascates da liberdade; e o modju, o “cupim” da felicidade alheia. E, para governá-los, os Mussolinis, os Hitlers e os Stalins.

Sabe-se que, para Reich (1998), o “primado genital” é a “via régia” da saúde biopsíquica. Sem uma economia da libido regulada nada vai bem: racionalidade, trabalho, adaptação social, contato humano etc. Jung (2011b) dá a sua devida importância à sexualidade, apesar de considerá-la um de muitos elementos vitais para a sobrevivência humana. Nisso, o seu conceito de libido é mais abrangente do que o de Reich (1998). A libido seria uma energia geral que dá conta de todas as necessidades físicas, como a fome, o sono e a sede, além da supracitada sexualidade.

Ou seja: no quesito da sexualidade, Reich (1998) tinha um conceito “centralizador” da libido, diferente do conceito “descentralizador” de Jung (2011b). Não é à toa que o Jesus Cristo “orgonômico” seja uma crítica tão ferina à separação de “corpo” (divino) e “carne” (corrompida), criada por Paulo de Tarso. Ou da crítica de Reich (1999) ao culto da imagem do Cristo crucificado: um culto à morte do corpo de Jesus, da “Vida” (com “V” maiúsculo) encarnada, com o intuito de espiritualizá-la, de “mistificá-la”.

Por fim, a forma de analisar a figura de Cristo diferiu bastante entre os dois autores. Jung (2011a) trouxe consigo uma rica bibliografia para comparar os símbolos cristãos com os símbolos de outras tradições. Chegou à conclusão de que Jesus de Nazaré é o maior símbolo do arquétipo do Si-mesmo na civilização ocidental. A sua abordagem é arquetípica, de natureza distante, impessoal. Já a de Reich (1999) partiu de uma abordagem profundamente pessoal, comparando-o ao seu tipo ideal, o caráter genital, uma melhor versão dele mesmo.

O numinoso erótico

Sharaf (1983) afirmou que o ponto mais controverso de O assassinato de Cristo foi o de Reich (1999) declarar que Cristo teve uma vida sexual ativa. E foi enfático nisso:

Não pode haver dúvida: Cristo conheceu o amor físico e as mulheres, como conheceu tantas outras coisas naturais. [...] Sabemos que houve mulheres que amaram Cristo – mulheres respeitáveis, belas, generosas. [...] Qualquer outra concepção é completamente aberrante (REICH, 1999, p. 45, grifos do autor).

Para além da sua revisão herética, o Cristo de Reich (1999) trata de um tema caro ao século XX: a sexualidade sagrada. Ou, para adequar a uma terminologia junguiana, o “numinoso erótico”. Originalmente do teólogo Rudolf Otto, Jung (2015) usa o seu conceito

de numinoso para nomear toda experiência indescritível, enigmática e intensamente emocional de contato direto com o sagrado. O numinoso acontece quando a imago Dei (“imagem de Deus”) invade a consciência individual, transpassando os limites e defesas normais do ego.³

Há um trecho célebre da autobiografia de Jung (2015) onde ele lembra a surpresa de descobrir o caráter cripto-religioso que a sexualidade tinha para o seu futuro mentor. A ocasião foi o primeiro encontro dos dois em Viena, na casa de Freud, em fevereiro de 1907:

Parecia-me claro que Freud, proclamando sempre e insistentemente a sua irreligiosidade, construía um dogma, ou melhor, substituíra o Deus ciumento que perdera por outra imagem que se impusera a ele: a da sexualidade. Ela não era menos premente, imperiosa, exigente, ameaçadora e moralmente ambivalente. Psiquicamente falando, aquilo que é mais forte e, portanto, mais temível, toma os atributos de “divino” e de “demoníaco”; da mesma forma, a “libido sexual” se revestira e desempenhara nele o papel de um deus oculto (JUNG, 2015, p. 159).

Lembremos aqui da citação de Virgílio feita por Freud (1996a, p. 15), na epígrafe de “A interpretação dos sonhos”: *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo!* Traduzido: “Já que no céu nada alcanço, recorro às potências do Inferno!” (VIRGÍLIO, 2016, p. 469). É uma citação que reforça a ideia de Jung (2015) de que, para a Psicanálise, a sexualidade se tornara um Deus sombrio, submerso, a agir perpetuamente nos mares escuros do inconsciente.

De acordo com Jung (2015), Freud sofria porque tinha separado Javé da sexualidade, como deuses opostos. E foi de Reich (1999) a coragem de desafiar séculos de dogma: de anunciar as bodas heréticas entre o erótico e o sagrado, a unio coniunctionis por tantos anos proibida pelos pais da Igreja, na figura de Cristo. E assim foi, efetivamente, criada a moderna sexualidade sagrada. De acordo com Feuerstein (1994, p. 7), é pela via da sexualidade sagrada que “participamos diretamente da imensidão de tudo o que existe – as montanhas, os rios e os animais da terra, os planetas e as estrelas, os vizinhos da casa ao lado”. Reich (1998) não teria dito o mesmo, quando afirmou que, pela via do orgasmo, o ser humano se conecta ao todo vivo e pulsante da natureza?

A princípio, é estranho associar Reich (1998; 2004) à noção de uma “sexualidade sagrada”, dada a sua opinião do misticismo e da religião organizada em geral. “Afinal”, disse Reich (1998, p. 400-401), o “misticismo”, junto com a “superstição” (para ele, sinônimas) ainda “guiam boa parte da humanidade”, levando-a à ignorância e miséria

emocional. Diz, inclusive, que as ciências naturais poriam fim ao misticismo e a todas as religiões organizadas, quando entendermos o suficiente sobre o funcionamento do complexo corpo-mente.

Para Reich (1998; 2004), o misticismo é uma espécie de “retorno do reprimido”, onde o êxtase místico é, na verdade, um pobre substituto para a satisfação animal, natural do sexo e, principalmente, o seu clímax: o orgasmo. Isso não parece tão óbvio para os místicos porque eles fogem de si mesmos; negam o seu corpo e suas emoções. Ao seguir essa linha de raciocínio, percebe-se que as religiões são uma tentativa mascarada de restabelecer esse contato, esse elo perdido consigo mesmo, o corpo e com a natureza. “Deus”, portanto, não seria mais que o símbolo-mor desse elo perdido.

No entanto, contrário ao que Reich (2004) pensava, o misticismo não é miséria sexual. Os ritos de fertilidade neolíticos; a prostituição sagrada; os bacanais; a alquimia energético-sexual taoísta e a Kundalini-yoga: tem longa história o erótico numinoso, mostrou Feuerstein (1994). Até mesmo o Velho Testamento há o ardor erótico do “Cântico dos Cânticos”, a ode do Rei Salomão à rainha do Sabá. No êxtase, não há “sagrado” ou “profano”.

A sexualidade sagrada contemporânea é uma legítima herdeira do pensamento Reichiano. Ela compartilha as preocupações e diretivas de Reich (1998, 2004). Prega a responsabilidade afetivo-sexual entre parceiros, a fruição do prazer sem culpa, o cultivo de uma conexão genuína nos momentos de intimidade. Trata também aquele momento de êxtase vivenciado através do orgasmo, onde os limites do ego são ultrapassados e vive-se uma forma única de comunhão com a natureza. E, no centro de tudo isso, o sexo como via fundamental do autoconhecimento. “O sexo sagrado”, diz Feuerstein (1994, p. 18), “é a verdadeira revolução sexual”.

Considerações Finais

Wilhelm Reich, ao recontar a história de Cristo, trouxe novos personagens a um palco ancestral, com enredos tão antigos quanto a própria humanidade. Jesus, trágico protagonista, é o emblema de uma sabedoria que vem de conhecer todas as possibilidades humanas. Não é um mistério o seu apelo a Jung e Reich, brilhantes dissidentes da Psicanálise. E se havia uma corrente subterrânea de numinosidade na Psicologia de Freud, como foi apontada por Jung (2015), na orgonomia de Reich (1999) ela se torna explícita. Não é a sexualidade na visão fria e “cerebral” de Freud e nem na visão mitopoética de Jung. É a sexualidade entendida como algo vivo, e tudo o que pulsa vivo no corpo é naturalmente sagrado. Não é preciso mais das lentes turvas e distantes da

mistificação para perceber isso.

Referências

- ATWOOD, G. E.; STOROLOW, R. E. The life and work of Wilhelm Reich: a case study of the subjectivity of personality theory. *Psychoanalytic Review*, v. 64, n. 1, p. 5-20, Spring 1977.
- ATWOOD, G. E.; TOMKINS, S. S. On the subjectivity of personality theory. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 12, n. 2, p. 166-177, abr. 1976.
- BAKER, E. F. My eleven years with Reich. Princeton: ACO Press, 2011.
- BAKER, E. F. O labirinto humano: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.
- BERGSON, H. A evolução criadora. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOADELLA, D. Nos caminhos de Reich. São Paulo: Summus, 1985.
- DESMOND, A. Darwin: a vida de um evolucionista atormentado. São Paulo: Geração Editorial, 2007.
- FEUERSTEIN, G. A sexualidade sagrada. São Paulo: Siciliano, 1994.
- FEYERABAND, P. Contra o método. São Paulo: Unesp, 2011.
- FRANK, J. Dostoiévski: um escritor em seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (primeira parte). In: STRACHEY, J. (Org.) Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 1-364.
- FREUD, S. Caráter e erotismo anal. In: STRACHEY, J. (Org.). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 155-164.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: STRACHEY, J. (Org.). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 67-148.
- FREUD, S. O ego e o id. In: STRACHEY, J. (Org.). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 13-80.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: STRACHEY, J. (Org.). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 117-231.
- HIGGINS, M.; RAPHAEL, C. (Org.) Reich fala de Freud. Lisboa: Moraes, 1979.
- HOLLINGDALE, R. J. Nietzsche: uma biografia. São Paulo: EDIPRO, 2015.

HUNT, T. Comunista de casaca: a revolucionária vida de Friedrich Engels. Rio de Janeiro: Record, 2010.

JUNG, C. G. Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 2011a.

JUNG, C. G. Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b.

JUNG, C. G. Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Petrópolis: Vozes, 2011c.

JUNG, C. G. A natureza da psique. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LOWEN, A. Bioenergética. São Paulo: Summus, 2017.

LOWEN, A. Uma vida para o corpo: autobiografia de Alexander Lowen. São Paulo: Summus, 2007.

MALINOWSKI, B. Sexo e repressão na sociedade selvagem. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIERRAKOS, J. C. Apresentação. MANN, W. E. Orgônio, Reich & Eros: a teoria da energia vital de Wilhelm Reich. São Paulo: Summus, 1989. p. 13-20.

REICH, I. O. Wilhelm Reich: a personal biography. New York: Avon Books, 1970.

REICH, W. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REICH, W. O assassinato de Cristo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REICH, W. O Éter, Deus e o Diabo; A superposição cósmica. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SHARAF, M. Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich. New York: St. Martin's Press, 1983.

TURNER, C. Adventures in the orgasmatron: the invention of sex. London: Fourth Estate, 2012.

VIRGÍLIO. Eneida. São Paulo: Editora 34, 2016.

Notas

1 Ver, respectivamente, Frank (2018), Hollingdale (2015), Desmond (2007), Hunt (2010), Bergson (2005) e Malinovski (1973).

2 De acordo com a definição do seu próprio criador, Jung (2015), o termo “sincronicidade” tem duas acepções. Na primeira, a sincronicidade é uma “coincidência significativa”: um paralelo, fora da ordem da causa e efeito, entre um evento “interno” (psíquico) e um evento “externo”, encontrado no meio ambiente do sujeito da sincronicidade. Sonhos, visões e premonições são exemplos disso. Na sua segunda

acepção, são sonhos ou ideias parecidas ou iguais que acontecem ao mesmo tempo com pessoas diferentes em lugares diferentes, sem nenhuma ligação aparente entre si.

3 Noutra parte, Freud (1996c) trata de um “sentimento oceânico” próximo à descrição do numinoso. Um correspondente o descreveu como um sentimento intenso de união com o cosmos; as barreiras habituais entre sujeito e objeto são dissolvidas. Especulava ser a “fonte e origem” da religiosidade. Apesar de não conseguir reconhecer nele tal sentimento, Freud (1996d) humildemente não se autorizou a questionar a sua existência.

Credenciais dos autores

José Felipe Rodriguez de Sá

Bacharel em Psicologia pela Universidade Salvador. Especialista em Psicoterapia Analítica no Instituto Junguiano da Bahia - Salvador/BA. Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Cursando Especialização em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Psicoterapeuta Corporal Reichiano, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR. E-mail: zefelipe@yahoo.com

Sandra Mara Volpi

Psicóloga (CRP-08/5348) (PUC-PR), Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP). Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP). Psicopedagoga (CEP-Curitiba). Mestre em Tecnologia (UTFPR). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Diretora do Centro Reichiano, Curitiba/PR. E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

Como citar este trabalho

SÁ, José Felipe Rodriguez de; VOLPI, Sandra Mara. Cristo como símbolo do si-mesmo reichiano. In: Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, 27, 2024. Curitiba: Centro Reichiano. ISBN 978-65-89012-04-7. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/anais/cristo-como-simbolo-do-si-mesmo-reichiano/>. Acesso em: 06/06/2026.